



“ESPALHOU-SE A NOVA DA PRECIOSA DESCOBERTA, CORREU DE BOCA EM BOCA A NOTÍCIA”: IMPRENSA E RECEITAS CONTRA O CÓLERA NO INTERIOR CEARENSE (1855-1862)

Jucieldo Ferreira Alexandre¹

Universidade Federal do Cariri-UFCA

E-mail: jucieldo.alexandre@ufca.edu.br

No mês de maio do ano de 1855, o cólera-morbo atingiu o território do império brasileiro. O foco inicial de contaminação foi a província do Pará, a partir da chegada de uma embarcação que transportava colonos portugueses vindos da cidade do Porto. Logo a doença espalhou-se para outros pontos do Império, matando cerca de duzentos mil brasileiros entre 1855 e 1856, dos quais aproximadamente cento e trinta mil habitavam as províncias do Norte.

No mesmo ano da chegada do cólera, saíram a público os primeiros números do semanário *O Araripe*. Impresso na cidade de Crato, sul do Ceará, o jornal estava intrinsecamente ligado ao contexto histórico vivenciado à época pelo lugar e aos interesses de segmentos das elites locais: profissionais liberais, proprietários de terra e comerciantes ligados ao Partido Liberal em busca de legitimação política e social. Foi o mais longo órgão da imprensa oitocentista a circular no interior da província cearense, sendo impresso entre 1855 e 1865.

Em sua década de circulação, excetuando os textos dedicados às contendas políticas – nos quais conservadores e liberais caririenses se atacavam, na disputa por cargos políticos e maior legitimidade social –, nenhum tema obteve tanto espaço n’*O Araripe* como os riscos e feitos do cólera. Nele divulgou-se a marcha da *peste*, as localidades atacadas no Brasil, o número de vítimas, os problemas de abastecimento,

¹ Professor Assistente I no curso de bacharelado em História da Universidade Federal do Cariri (UFCA); Pós-Graduando em História Social pelo Doutorado Interinstitucional da Universidade Federal Fluminense com a Universidade Regional do Cariri (DINTER/UFF/URCA). Mestre em História e Cultura Histórica pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).



indicou-se remédios em voga e orações tidas como profiláticas, entre outros textos relacionados ao assunto.

O espaço ocupado pelo cólera nas folhas do semanário cratense apontam para a historicidade das doenças. Para Claudine Herzlich, por ser evento ameaçador e modificar a vida das pessoas e o equilíbrio social coletivo, a doença sempre propicia “uma necessidade de discurso, a necessidade de uma interpretação complexa e contínua da sociedade inteira” (HERZLICH, 2005). Ante a força mortal da doença, especialmente de uma epidemia, diferentes grupos sociais podem tecer diversas formas de explicar e combater o fenômeno, produzindo leituras particulares sobre a sociedade na qual estão inseridos.

Em época tão complexa e tensa - como a da aproximação do cólera em relação ao Crato -, as representações impressas n’*O Araripe* sobre o fenômeno foram múltiplas, resultando em oscilação ou junção entre vários saberes. Ao tratar da enfermidade, o órgão de imprensa combinou de forma criativa discursos políticos, religiosos, científicos e populares, demonstrando, assim, o caleidoscópio de olhares com que a doença foi apreendida então, ou seja, como o cólera foi representado pelos sujeitos históricos, responsáveis pelo jornal, a partir do lugar social ocupado por eles.

Nesta comunicação, demonstro o quanto a manifestação da epidemia acabou expondo as divisões e debilidades da medicina acadêmica e a incapacidade concreta dos profissionais da saúde em inibir o cólera em meados do oitocentos, como indicia o conteúdo dos textos publicados n’*O Araripe*. Neste sentido, as orientações e receituários lá impressos apontam para como os *facultativos* – terminologia pela qual os médicos eram também conhecidos em meados do XIX – fizeram experiências assimiladoras de produtos curativos populares, indiciando uma *circularidade* de saberes terapêuticos. Ao publicizar relatos e orientações escritas pelos discípulos de Hipócrates, *O Araripe* buscava instruir e socorrer a população do Cariri ante o prenúncio colérico e a falta efetiva dos referidos profissionais.

Destarte, em época marcada pelo medo entorno da moléstia, uma das mais letais do século XIX, as representações impressas no periódico foram de diversidade espantosa. Como a medicina-científica estava enredada em disputas internas e não



oferecia respostas conclusivas sobre a doença, a abundância de artigos do jornal aponta para a circularidade de saberes e representações múltiplas, que embaralhavam de forma criativa orientações *miasmáticas* e *contagionistas*, tratamentos *alopatas* com *homeopatas*, fármacos químicos com remédios feitos a base de ervas, frutas e outros produtos populares.

PALAVRAS-CHAVE: História das Doenças; Imprensa; Receitas contra o cólera

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Juciêdo Ferreira. O anjo exterminador que flagela o povo: representações sobre o cólera no interior do Ceará em meados do XIX. In. FRANCO, Sebastião Pimentel; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres (orgs.) **Uma história brasileira das doenças**. Vol. 6. Belo Horizonte-MG: Fino Traço, 2016, pp. 197-222.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**: cortiços e epidemias na Corte Imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**: 1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HERZLICH, Claudine. A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença. **Physis**. vol. 15, supl. 10. Rio de Janeiro, 2005, pp. 57-70.

SOURNIA, Jean-Charles & RUFFIE, Jacques. **As epidemias na história do homem**. Tradução: Joel Góes. Lisboa: Edições 70, 1986